

Charqueadas: uma alternativa na economia pecuária do sul de Mato Grosso (1880-1930/40)

Valmir Batista Corrêa*

Lúcia Salsa Corrêa**

A fronteira mato-grossense, caracterizada como *fronteira flutuante*, desenvolveu uma economia *flutuante* praticada sob condições históricas e ambientais adversas que delimitaram e retardaram o pleno desenvolvimento capitalista da imensidão de seus sertões. Foi como atividade periférica e complementar da economia pecuária que as charqueadas apareceram com certa força no cenário da economia regional, especialmente no sul de Mato Grosso, num específico tempo, de 1880 a 1930/1940, com investimentos de grupos estrangeiros inicialmente e depois como atividade complementar das fazendas de criar, sempre sob as condições singulares que a fronteira mato-grossense ofereceu.

Palavras-chave: Fronteira sul de Mato Grosso; pecuária; charqueadas.

Mato Grosso do Sul, que integra o antigo estado de Mato Grosso à época do advento da República, fez parte do contexto econômico que caracterizou a economia capitalista vigente nos anos finais do século XIX e iniciais do XX, expandida em dimensões mundiais. Uma economia exportadora de matérias-primas desenvolveu-se nas primeiras três décadas do século XX em países coloniais e ex-coloniais, como no caso de grande parte das nações latino-americanas e do Brasil, sempre su-

* Doutor em História pela USP. Professor titular aposentado da UFMS. Com diversos livros e artigos sobre história regional de Mato Grosso do Sul. valmir.correa@uol.com.br

** Doutora em História pela USP. Professora titular aposentada da UFMS. Com diversos livros e artigos sobre história regional de Mato Grosso do Sul. salsacorrea@gmail.com

The Mato Grosso frontier, characterized as *flotation border*, has developed a *floating* economy, practiced under adverse historical and environmental conditions which delimited and delayed the full capitalist development of the immensity of its inland regions. It was as a peripheral and complementary activity of the livestock economy that the *charqueadas* (meat jerking plant) successfully appeared in the

economy scenario, especially in the south of Mato Grosso, in a specific time, from 1880 to 1930/1940, initially with investments of foreign groups and later as a complementary activity of the breeding farms, always under singular conditions offered by the Mato Grosso frontier.

Keywords: southern frontier of Mato Grosso; livestock; meat jerking plant

jeitas às conjunturas externas e ao sabor dos interesses dos mercados consumidores desses produtos¹. Entretanto, a tendência à globalização dos mercados, iniciada ainda na segunda metade do século XIX e desenvolvida até os dias atuais, não se deu de forma linear e homogênea. Muito ao contrário, caracterizou-se também pela instabilidade política mundial e no caso dos países latino-americanos pela instabilidade econômica, pela carência de capitais e de investimentos, pela convivência com processos produtivos arcaicos e pelas sobrevivências das formas clássicas da economia colonial e de formas manufatureiras de produção.

Assim, para explicar a produção de charque em Mato Grosso, em especial na sua região sul no recorte temporal mencionado, é necessário considerar a articulação da região com um mercado mundial para compreender a singularidade dessa produção e o seu real significado. Além dos mais, a economia do charque desfrutou de condições muito especiais decorrentes dessa singularidade regional, de sua específica condição de fronteira e de imposições ambientais no caso da região pantaneira, atingindo uma fase única e importante no período de 1880 a 1930.

Arséne Isabelle, em sua viagem ao Prata realizada nos princípios do século XIX, escreveu que o saladeiro (sinônimo de charqueada) foi uma indústria nascida na Argentina, com investimentos estrangeiros e grandes capitais. No Brasil chamaram-se charqueadas os estabelecimentos que salgavam a carne e os couros. A carne, depois de salgada, chamava-se em espanhol *tasajo* e em português charque. A produção argentina do século XIX era exportada para o Brasil, além

¹ CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira*. O Sul de Mato Grosso. 1870-1920. Campo Grande: Ed.UCDB, 1999.

de Cuba e Cabo Verde, sendo objeto de um comércio ativo, muito embora não figurasse entre os produtos mais importantes que circulavam entre o mercado platino e o mercado mundial. Ainda para Isabelle, charque é palavra derivada do verbo português charquear, que significa fazer o *tasajo*, secando mantas de carne ao sol. Porém, charque é entendida também como palavra da língua quíchua, dos incas, corruptela de *charqui* que significa carne seca e, em sentido figurado, pessoa muito magra².

A produção de charque, couros e outros derivados do boi, no período posterior à guerra com os paraguaios, no final do século XIX, enquanto seguimento derivado da economia pecuária, desenvolveu-se em duas direções, percorrendo os mesmos caminhos do boi de Mato Grosso: um voltado ao mercado externo da bacia do Prata ou aos mercados nacionais da orla marítima atlântica; outro, rumo aos mercados interiores mineiros e paulistas, atravessando sertões com comitivas, além de uma parcela destinada ao consumo interno das fazendas e das cidades mato-grossenses. Posteriormente, o charque também foi transportado pela ferrovia Noroeste do Brasil, porém em menor escala.

Algumas propriedades rurais de grande porte de Mato Grosso, adquiridas a partir de 1880, foram exploradas por grupos estrangeiros diversos³, como por exemplo, o caso da fazenda Descalvados⁴ que possuiu instalações fabris de vulto para o beneficiamento de carnes salgadas e outros subprodutos. Situada na fronteira noroeste de Mato Grosso (S. Luiz de Cáceres), tornou-se o mais importante estabelecimento que produziu charque em grande escala, nas décadas finais do século XIX. Suas instalações, na propriedade que se aproximava de 240 léguas⁵

² Ver ISABELE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1949.

³ A propósito ver MARQUES, A. *Matto Grosso*. Seus Recursos Naturais. Seu Futuro Econômico. Rio de Janeiro: Americana, 1923. p. 156-157.

⁴ *Falla com que o Exmo. Snr. General Barão de Batovy Abrio a 1a. Sessão da 25a. Legislatura da Assembléa Provincial de Matto-Grosso em 1o. de Outubro de 1884*. Cuyabá (Manuscrito). p. 41-42. LISBOA, Miguel A. Ribeiro. *Oeste de S. Paulo. Sul de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1909, p. 157. Mais detalhes sobre a fazenda Descalvados e capitais belgas em Mato Grosso ver em STOLS, Eddy. *Les investissements belges au Brésil (1830-1914)*. *Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique. L'Histoire Quantitative du Brésil de 1800 a 1930*. Paris, n. 543, 11-15 octobre, 1971 (Extrait).

⁵ Uma légua de sesmaria equivale a 4.356 hectares e uma légua quadrada, a 3.600 hectares.

(20 das quais em território boliviano), incluíam máquinas a vapor e produziam também extrato de carne e caldo concentrado, destinados ao mercado externo. Inicialmente pertencente aos empresários Rafael Del Sar e Jaime Cibils Buchareo, o primeiro uruguaio e o segundo argentino, tornou-se depois propriedade da *Société Industrielle et Agricole du Brésil*, empresa belga com sede em Bruxelas. A empresa paralisou quase completamente suas atividades por volta dos anos de 1906/1907 sem retomar a grande produção anterior, sendo vendida a um outro grupo empresarial pouco tempo depois.

Da mesma forma, em princípios do século XX, um grupo de ingleses associados a argentinos estabeleceram-se com saladeiros, interessados na oferta de matéria-prima abundante na região do pantanal e em outras áreas de pecuária do sul mato-grossense (em regiões dos cerrados), aproveitando a facilidade de escoamento pelo rio Paraguai, ou pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil a partir da ligação Itapura-Porto Esperança em 1914, colocando sua produção nos mercados platino e brasileiro.

De fato, a partir dessa época, Mato Grosso apresentou-se como região fornecedora de produtos exportáveis para o comércio exterior, negociando charque, couros e também erva-mate, poaia, borracha e outros gêneros. Constituiu-se num mercado periférico e complementar no contexto dos países platinos, porém, com uma expectativa otimista que, na verdade, não correspondia à realidade de sua produção baseada em suas potencialidades semelhantes às regiões pecuaristas da Argentina, do Paraguai e do Uruguai⁶. Por longo tempo, jamais deixou de ser uma região produtora com posição secundária no contexto sul-americano platino, desfrutando em determinadas e especiais circunstâncias de conjunturas favoráveis e demandas externas que estimularam tanto as atividades da pecuária quanto as atividades extrativas, em determinados e esporádicos períodos.

⁶ A esse respeito Cardoso e Brignoli afirmam que "... a crescente presença do capital britânico, muito notável depois de 1870, delinea ... uma equação de interesses, similar, por outro lado, à que existia na outra margem do Prata, que envolvia proprietários de terras e comerciantes, porto e zonal rural, Londres e Montevideo, em um círculo estreito..." In: CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, H. Pérez. *História Econômica da América Latina*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 198.

A história da pecuária no sul de Mato Grosso

O destino dos bois criados na fronteira sul de Mato Grosso, especialmente no período correspondente ao último quartel do século XIX, restringia-se a poucas alternativas: fornecimento de carne verde ou salgada e seca, para atender o consumo interno e, esporadicamente, o mercado externo; e exportação de gado em pé para invernadas do leste brasileiro ou escoado via fluvial com destino ao Paraguai, em escala bem menor. Os principais problemas da pecuária mato-grossense, no entanto, eram decorrentes dos limites impostos pela própria natureza dessa economia, determinada pelo baixo nível técnico⁷ que impunha a essa atividade a condição de economia marginal ou periférica.

Uma das estratégias de sobrevivência da atividade da pecuária mato-grossense foi o contrabando de gado pela fronteira com o Paraguai que, pelas mesmas razões que caracterizaram a economia dessa fronteira, manteve-se rotineiro e incontrolável⁸. As evidências indicavam que muitos fazendeiros adotavam a prática dos descaminhos para viabilizar a produção pecuária da região e enfrentar os custos de manutenção de seus latifúndios. Além do mais, o contrabando de mercadorias de primeira necessidade garantiam o abastecimento interno dos fazendeiros, isolados do resto do país pelas grandes distâncias e caminhos irregulares.

Os mesmos descaminhos do boi para o Paraguai e outras regiões platinas envolveram também a circulação de outras mercadorias, especialmente os

⁷ Esta questão remete às principais características da pecuária do sul de Mato Grosso, no século XIX, cujo plantel foi inicialmente formado por *gado alçado* e com investimentos reduzidos, ficando na dependência da utilização dos recursos naturais: dos *barreiros* e águas *salobras*, nos pastos nativos e pobres, como formas de aproveitamento do meio ambiente na cria extensiva de bois. A propósito ver CORRÊA, Lúcia Salsa. *Op. cit.*

⁸ Um documento da câmara municipal de Corumbá, de 1883, já reclamava dos negociantes ali estabelecidos, que negociavam gado para o Paraguai, de "... furtarem-se ao pagamento amigável dos direitos ...". sobre essas operações. Essa outra forma de contravenção e desvio do fisco apareceu em documentos das autoridades fiscais do sul de Mato Grosso, de forma recorrente, em diversos momentos até a década de 1920. *Offício da Camara Municipal de Corumbá, dirigido ao Procurador Municipal pelo Presidente da mesma, em Corumbá 11 de Agosto de 1883.* Manuscrito. Livro de Registros n°168 da Correspondencia Official da Camara Municipal, 1881-1890. Arquivo da Câmara, Corumbá, MS. Fl. 23A.

subprodutos da pecuária da fronteira: charque, couros de boi secos ou salgados (artigos de maior valor), solas, ossos, sebos e, além disso, também a erva-mate. Do outro lado da fronteira foram contrabandeadas mercadorias diversas, dentre elas cavalos e sal para as fazendas do sul de Mato Grosso.

Ao término da guerra de 1864-1870, parte significativa dos rebanhos das regiões mato-grossenses invadidas estava dizimada e foi necessária a reposição de estoques, o que movimentou um fluxo interno e externo de comércio boiadeiro, lícito ou ilícito. De maneira semelhante, e em grau maior, o rebanho bovino do Paraguai sofreu um agudíssimo decréscimo no atendimento das demandas da guerra e da fome de sua população, o que impulsionou um considerável (na maioria dos casos, clandestino) movimento de gado em pé procedente do sul mato-grossense. A trilha dos descaminhos pela fronteira paraguaia foi aberta, portanto, num determinado e especial momento do pós-guerra e não mais se fechou enquanto atendeu os interesses dos pecuaristas do sul do estado, assegurando também a manutenção de um pacto político responsável pelo acomodamento dos grupos oligárquicos (do norte e do sul) de Mato Grosso. O relatório do *Inspector do Tesouro* do estado, mencionado na mensagem de 1902, informava que no ano de 1901 haviam entrado de maneira clandestina no Paraguai entre 60/90 mil cabeças de gado, o que representou em termos de perda de receita de exportação algo em torno de 270:000\$000 réis⁹, ao passo que aos pecuaristas e comerciantes de gado da região sul essa prática tornou-se uma compensadora atividade econômica. O pacto político oligárquico estabelecido, especialmente a partir do regime republicano, de certa forma garantiu as vistas grossas feitas pelo estado em relação às transações clandestinas.

Assim, ignorando a amplitude desse fluxo paralelo de gado, o relatório provincial de 1887, em detalhada exposição da economia mato-grossense, divulgava dados sobre o rebanho bovino, declarando que não havia estatística que permitisse conhecer com exatidão o número de cabeças existentes na província e, muito menos, os prejuízos causados pelos seus descaminhos. A referência a essas estimativas era o quadro oficial, porém artificial (estimado), da exportação de gado

⁹ *Mensagem do Presidente do Estado de Matto-Grosso Coronel Antonio Pedro Alves de Barros á Assembléa Legislativa na 3ª Sessão annual da sua 5ª Legislatura a 3 de Fevereiro de 1902*. Manuscrito. Cuyabá, 1902. p. 123-144 e 140.

em pé e o número de reses abatidas para o consumo na época, chegando ao resultado de 800 mil cabeças.

Outro indicador do grau de desenvolvimento da pecuária em Mato Grosso, nessa época, foi obtido através da evolução dos seus preços. No entanto, para contornar a dificuldade de listar os preços do boi mato-grossense, pela inexistência de estatísticas e informações oficiais, foram estimados os valores do gado em pé a partir dos dados levantados por Corrêa Filho, tomando por referência o levantamento de preços de 1828, em Cuiabá, realizado por Alincourt. Além disso, foram acrescentados outros informes oficiais e extra-oficiais para as décadas de 1880 em diante, sobre valores do boi dos campos sulinos. Dessa forma, foi possível obter, por aproximação, os preços máximos atingidos nas vendas de cabeças de gado bovino no sul de Mato Grosso, conforme dados abaixo relacionados:

Preços do Boi em Mato Grosso (1828 -1918)	
Anos	Preço máximo p/cabeça
1828	6\$000
1844	8\$000
1880	9\$000
1890	20\$000
1900	30\$000
1908	30\$000
1911	40\$000
1914	45\$000
1918	80\$000

Fontes: ALINCOURT, Luiz d'. Resultado dos Trabalhos e Indagações Statisticas da Provincia de Matto-Grosso por... *Annaes da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v. VIII. , 1881, secção segunda,p. 39-142.

AYALA, S. Cardoso, SIMON, F. *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*. Corumbá/Hamburgo, 1914, p..292-293.

CASTELNAU, F. *Expedição ás Regiões Centrais da América do Sul* .Tomo II. S. Paulo: Nacional, 1949, p. 165-167.

COMMERCIAL ALMANACH "MATTO-GROSSENSE", S. Paulo, C.de Mello & Cia., Anno de 1916. p.181.

CORRÊA FILHO, V. *Fazendas de Gado no Pantanal Mato-grossense*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1955, p. 58-59.

LISBOA, M. R. Arrojado. *Op. cit.*, p.157-158.

VICENZI, Jacomo [Conego]. *Paraíso Verde*. Impressão de uma viagem a Matto Grosso em 1918. Ed. do A., 1923. p. 56.

Os primeiros anos indicados no quadro acima demonstraram uma longa estabilidade de preços, explicada pela pouca representatividade da pecuária de Mato Grosso na época em que se formavam as propriedades pioneiras e os seus rebanhos. Esses dados refletem também a crise ocasionada pela invasão do território mato-grossense e pela guerra com os paraguaios. O salto verificado a partir de 1890 pode ser entendido como uma etapa de valorização pela demanda da produção de charque, sobretudo no sul do estado. Não obstante, existiu também um elemento complicador nessa economia, no período de 1892 a 1907: foram nestes anos que Corrêa Filho apontou um decréscimo de exportações de gado no estado, coincidindo com a instalação e funcionamento das grandes charqueadas de proprietários estrangeiros que, por sua vez, absorveram uma considerável fatia da produção bovina e movimentaram o mercado interno do boi no sul de Mato Grosso.

Outra explicação para a queda das exportações do boi em pé encontra-se no contrabando que, por razões óbvias, não aparecia nas estimativas oficiais. Na verdade, nessa mesma fase o estabelecimento de empresas estrangeiras no setor da produção saladeril de carnes, com a aquisição de grandes glebas de terras para criar gado bovino e a compra de boiadas de criadores locais para formar estoques e abastecer as suas *packings industries* vão coincidir e também explicar essa conjuntura singular na comercialização do gado mato-grossense. Por fim, o contexto de 1914-1918, com a conflagração mundial, mostrou uma extraordinária alta de preços pela demanda de carne bovina no atendimento de mercados regionais do leste do país e do exterior (mercados da bacia do Prata). Neste contexto, o elemento intermediário e atravessador na comercialização do gado no mercado nacional foi representado pelos invernistas mineiros e paulistas e pelos frigoríficos do leste do país¹⁰.

Os preços do boi e das terras no sul de Mato Grosso cresceram, ainda, com o início dos trabalhos de construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil

¹⁰Na mensagem de 1916, o presidente do estado declarava: “... só posso informar que o frigorífico de Osasco [São Paulo] abateu durante o ano de 1915 ... 36.000 cabeças de gado provenientes de Matto-Grosso. Desse gado, 25.000 cabeças foram levadas pela Brazil Land Company e o restante adquirido de terceiros que haviam invernado o gado em Barretos”. *Mensagem dirigida pelo Exmo. Snr. General Dr. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque, Presidente do Estado de Matto-Grosso à Assembléa Legislativa ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 10ª Legislatura, em 15 de Maio de 1916*, p. 30-31.

em território mato-grossense, fato que a partir de 1914 (ano da inauguração do trecho Campo Grande-Porto Esperança) coincidiu com a conjuntura, breve e excepcional, da grande guerra européia.

A valorização das terras motivou a necessidade dos proprietários pecuaristas realizarem investimentos essenciais em tecnologia apropriada, como o apuramento de raças bovinas¹¹, a formação de pastagem de boa qualidade e os cercamentos. Esses investimentos foram lentos e graduais e as cercas demoraram a aparecer no cenário dos extensos campos da fronteira¹², sobretudo nas áreas úmidas do Pantanal. Nas terras baixas e alagadiças pantaneiras seriam ainda conservados os imensos e primitivos latifúndios, enquanto nos campos da Vacaria (território dos cerrados), secos e firmes, as propriedades do gênero tenderam a diminuir de tamanho, exceto as que foram adquiridas por grupos estrangeiros¹³. Exemplo disso foi a *Sociedade Anônima Fomento Argentino* que, a partir de 1905, ocupou uma grande área na região dos pantanais para criar bois e instalar uma indústria de charque¹⁴. Por sua vez, a mensagem de 1916 informava que a *Fomento Argentino* chegou a ocupar *um milhão de hectares* em territórios do sul do estado¹⁵.

Quanto aos preços das propriedades rurais mato-grossenses, no sul do estado, enquanto a mensagem de 1911 fornecia o valor legal das terras em 2:880\$000 réis por légua quadrada¹⁶, Lisboa apurava valores que variavam de 3:000\$000 a

¹¹ Ver CORRÊA, Valmir Batista. *Fronteira Oeste*. 2ª ed. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005.

¹² Ver RIBEIRO, Renato Alves. *Taboco 150 anos*. Balaio de Recordações. Campo Grande, 1984, p. 73 et seq.

¹³ Cf. CORRÊAFILHO, Virgílio. *A propósito do Boi Pantaneiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1926, p. 46 et passim.

¹⁴ A *Fomento Argentino*, com sede em Buenos Aires, tornou-se cessionária da concessão feita a Celso Pasini pela lei estadual nº 412 de 23 de março de 1905, estabelecendo-se em terras da bacia do rio Nabileque, nos Pantanais sulinos do município de Corumbá, próximas ao *Morro Machado Queimado* que o povo Kadiwéu chamava de *Japi-napalita*. Ver *Offícios a Presidencia do Estado de Mato-Grosso*. Manuscritos e Datilografados. Lata 1909A, Doc. av. Arquivo Público de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

¹⁵ Ver Mensagem ... Dr. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque, 1916. *Op. Cit.* p. 45.

¹⁶ *Mensagem dirigida pelo Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa 1º Vice-Presidente do Estado, em exercício, à Assembléa Legislativa ao instalar-se a 3ª sessão da 8ª Legislatura em 13 de Maio de 1911*. Cuyabá: Typ. Official, 1911. p 17.

8:000\$000 réis, correspondentes a \$833 e 2\$200 réis por hectare¹⁷, valores que ficavam na dependência da qualidade e da localização dos campos. Nessa mesma ocasião, a pecuária da fronteira ainda conservava muito dos tempos pioneiros, que Lisboa classificava em duas grandes regiões distintas: a dos campos da Vacaria onde se criavam bois, de preferência para os mercados e invernações do leste brasileiro; e a da imensidão dos pantanais, onde os bois destinavam-se ao consumo interno atendendo as demandas das charqueadas ou os mercados externos platinos.

Nos anos de 1909 a 1911, que serviram de base para as informações e estatísticas organizadas e publicadas no *Album Graphico de Matto Grosso* (1914), o hectare para lavoura era estimado em 1\$000 a 2\$000 réis, e para campos de criação bovina, de \$800 a 1\$500 réis. Já para as atividades extrativas (em especial, a erva mate e a seringa), os valores mencionados no *Album Graphico* variavam de 3\$600 a 5\$000 réis¹⁸. No ano de 1911, o *Album Graphico* calculou os rebanhos dos pantanais em dois milhões de cabeças e mais um milhão nos campos restantes do sul do estado. Não obstante, essa informação foi superestimada, alimentada pela generalização e pelos objetivos de propagar as potencialidades de produção da região mato-grossense e, assim, atrair capitais.

Filtradas pela ótica oficial, as informações do *Album Graphico* não só desconsideraram a ocorrência costumeira do contrabando, como também não mencionaram riscos e perdas, como o roubo frequente de gado na fronteira, tampouco os danos causados pelo regime das águas dos pantanais na época das cheias e por muitos outros agentes naturais/ambientais (epizootias, ataques de animais selvagens, carência de sal, pastos pobres e devastação dos recursos não-renováveis como a extinção de campos de capins nativos, de matas e de mananciais).

Outro fator de caráter conjuntural contribuiu, ainda, para uma alta temporária de preços do boi, movimentando os negócios da pecuária, conforme Barbosa: foram os investimentos da *Brazil Land And Cattle Packing Company* que adquiriu grande gleba de terras para a pecuária, comprando cerca de 35 léguas de campo na região da Vacaria e adquirindo reses dos criadores locais por preços

¹⁷ Cf. LISBOA, Miguel Ribeiro Arrojado. *Op. cit.* p. 144. Ver também AYALA, S. Cardoso, SIMON, F. *Op. cit.* p. 167.

¹⁸ AYALA, S. Cardoso, SIMON, Feliciano. *Op. cit.* p. 167.

que variaram de 35\$000 a 60\$000 réis¹⁹. Além disso, a implantação de charqueadas por grupos estrangeiros, platinos em sua maioria, concorreram para o crescimento dos preços das terras e do boi do sul do estado. Corrêa Filho escreveu, a respeito, afirmando que “... as terras valorizaram-se pela procura...” e os grandes e antigos proprietários venderam seus lotes aos empresários da atividade saladeril por valores até então nunca registrados na compra e venda de terras na região²⁰. Para Barbosa, após um breve período de euforia (quando corriam notícias de que uma vaca podia ser vendida a 100\$000 réis e um boi a 300\$000 réis), o ano de 1919 trouxe consigo a crise e, por consequência “... não apareceu um só boiadeiro, ninguém comprava de ninguém...”²¹.

O charque de Mato Grosso: como uma economia alternativa e mercantil de abastecimento na fronteira e nos pantanais

Terras abundantes, força de trabalho e matérias-primas disponíveis e baratas (exceto o sal importado) foram os fatores que atraíram investimentos estrangeiros para essa fronteira de Mato Grosso, desde as duas últimas décadas do

¹⁹ BARBOSA, Emilio Garcia. *Panorama do Sul de Mato Grosso*. Campo Grande: Correio do Estado, 1963, p. 28-29. A empresa *Brazil Land* havia comprado terras da fazenda Taquarussu nos anos de 1911-1912, num total de 500 mil hectares ao preço de 1 mil contos de réis. No ano de 1913, solicitou a legalização dessas terras e, ao iniciar as medições, enfrentou a hostilidade de fazendeiros vizinhos que alegavam ter títulos de propriedade dessas mesmas terras. Apenas em 1918 a *Brazil Land* retomou o processo de legalização de suas posses, em meio a litígios e ameaças de violência. Além dessas terras, a *Brazil Land* adquiriu também a fazenda Alegre, no município de Corumbá, com meio milhão de hectares para criar gado bovino e era proprietária da antiga fazenda Descalvados, incluindo a charqueada. A propósito ver *Copia. Officio da Embaixada da Gran-Bretanha, Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1920 ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Embaixador Ralph Paget. Relatório anexo: Informação referente á Fazenda de “Taquarussú”*. Doc. datilografado. Lata 1920A, Doc. av. APMT, Cuiabá-MT. Ver também CORRÊA FILHO, Virgílio. *Fazendas ...*, 1955. *Op. cit.* p. 43.

²⁰ Cf. CORRÊA FILHO, V. A proposito ..., 1926. *Op. cit.* p. 47.

²¹ BARBOSA...*Op. cit.*, p. 32-33.

século XIX até por volta de 1920/1930. Foram negociados grandes lotes de terras e rebanhos para formar estoques de gado bovino e transformá-los em carne seca e salgada, o chamado “charque de Mato Grosso”²². Antes das iniciativas para a produção de charque em grande escala, os criadores do pantanal não apenas conheciam o charque como o produziam em escala doméstica e artesanal para consumo, ou como moeda de troca nos mercados urbanos para suprimentos básicos e a compra de sal²³. De acordo com Barros Netto,

a pecuária da região na época do desbravamento era, como fonte de riqueza, quase nula, porque a comercialização era praticamente nula. Os criadores buscavam a sobrevivência na caça, pesca (procurando economizar o abate de reses para o consumo) e nalguma agricultura de subsistência. Raramente iam à cidade, em viagens cansativas e demoradas, levando a remo e zinga, carne secada ao sol para ser comercializada ao preço ditado pelo comerciante do momento. O produto recebido era, então, convertido em gêneros alimentícios e vestimentas.²⁴

De acordo com Corrêa Filho, no pantanal, um boi rendia em média de 100 a 110 quilos de carne verde ou 56 a 50 quilos de charque, 26 a 30 quilos de couro salgado, 3 quilos de crina, 3 quilos de chifre e 6 a 10 quilos de sebo. Restavam ainda 27 quilos de graxa e o restante podia ser transformado em adubo²⁵. A forma tradicional de produzir charque na grande região pantaneira consistia em abater a rês, tirar-lhe os ossos, o couro, os chifres e cascos, cortar as carnes em grandes mantas e fazer a salga durante alguns dias. A salga era feita preferencialmente com o sal de Cadiz, produto importado via Bacia do Prata e considerado o único capaz de produzir um bom charque. Era, entretanto, muito caro, vindo a custar 16\$000 p/100 quilos, enquanto uma rês a ser abatida pela charqueada custava 40\$000. Depois de salgadas, as mantas de carne permaneciam por 7 semanas a secar em varas, viradas diariamente e empilhadas durante a noite até as primeiras horas da manhã, para evitar a umidade. Quando devidamente secas, eram arma-

²² Ver AYALA, S. Cardoso, SIMON, F. *Op. cit.* p. 292-293.

²³ Ver BARROS, José de. *Lembranças*. Para meus filhos e descendentes. 2ª edição. São Paulo [1987]. p. 41-42.

²⁴ BARROS NETTO. *A criação empírica de bovinos no Pantanal da Nhecolândia*. S. Paulo: Resenha Tributária, 1979, p.78.

²⁵ CORRÊA FILHO, Virgílio. *Pantanais Matogrossenses* (Devassamento e Ocupação). Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1946

zenadas em panos grossos e amarradas para o embarque via fluvial ou ferroviária²⁶. Além disso, no pantanal, a produção de charque era sazonal, obedecendo o calendário das águas e das estações das cheias e vazantes, sujeita, portanto, às limitações ambientais.

Para Marques, os investimentos na implantação de grandes charqueadas em Mato Grosso, já nos primeiros anos do século XX, foram uma demonstração de vitalidade da economia pecuária sulina, com a correspondente valorização das terras do sul do estado. Visualizava, ainda, uma perspectiva otimista de desenvolvimento da pecuária e da produção de charque em larga escala, sem atentar, contudo, para os problemas e contradições inerentes a esse tipo de produção. A grande charqueada, implantada nesse período no sul mato-grossense, revelou-se uma indústria anacrônica sob diversos aspectos, sobretudo, pela sujeição às imposições técnicas dos seus procedimentos rudimentares e pela má qualidade da matéria-prima utilizada que contribuíram para inviabilizá-la em curto espaço de tempo.

É importante lembrar que desde os anos de 1880 já existiam frigoríficos na região platina, cujo funcionamento e produção foram responsáveis pela decadência da produção saladeiril argentina e uruguaia no final do século XIX, refletindo-se na produção gaúcha brasileira. No Brasil, os primeiros frigoríficos foram implantados no eixo São Paulo-Rio de Janeiro-Minas Gerais a partir de 1912 a 1917 e, da mesma forma, esse impulso da moderna tecnologia de esfriamento da carne provocou também uma substancial mudança na produção e na comercialização do charque mato-grossense. Todavia, nessa ocasião, os principais compradores estrangeiros do charque de Mato Grosso ainda eram a Inglaterra (que, também, comprava couros e outros subprodutos bovinos), Cuba (que preferencialmente comprava charque magro) e o Uruguai (tradicional comprador de couros salgados), enquanto os compradores nacionais eram: São Paulo, Rio de Janeiro e alguns estados do norte e do nordeste do Brasil.

Em decorrência dos números da importação de charque da bacia do Prata pelo Brasil, havia uma recomendação oficial no sentido de incentivar o estabelecimento de charqueadas, incluindo a região mato-grossense:

²⁶ JONES, Clarence. A fazenda Miranda em Mato Grosso. *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XII, n. 3, julho/setembro, 1950, p. 17.

... só pela introdução dos artigos gado e carne, o Brasil pagou somma superior a 82.000:000\$000. Significa isso o escoamento, para as republicas do Prata, de um capital enorme, que durante aquelle espaço de tempo bem poderia ter permanecido no nosso paiz, animando a industria pecuaria nacional ²⁷.

Mesmo com todas as contradições e problemas referidos, mediante ofertas vantajosas de terras, de rebanhos e de mão-de-obra mato-grossenses, a *indústria* saladeril desfrutou de alguns outros fatores positivos, tais como os fretes baratos do circuito fluvial platino. Representou, de fato, uma alternativa de renda (e por diversas vezes até mesmo a sobrevivência) para os pecuaristas do sul de Mato Grosso, em decorrência das dificuldades para desenvolver a pecuária nos mesmos patamares de seus concorrentes, tanto no restante do Brasil como na região do Prata. Os produtores pioneiros estabeleceram suas instalações, de preferência, às margens dos grandes rios, em especial, o rio Paraguai. Após 1914, outras charqueadas, de capitais nacionais ou estrangeiros, fixaram-se nas cercanias da ferrovia Noroeste do Brasil para aproveitamento do trajeto de Porto Esperança (ligado pela via fluvial ao porto de Corumbá até 1953), nos limites com o estado de S. Paulo.

Entretanto, com relação aos fretes fluviais ou da ferrovia Noroeste do Brasil, é preciso compreender tais condições favoráveis de forma relativa. A via fluvial apresentava gargalos estreitos, não apenas pelas condições de navegabilidade dos rios tributários da bacia do Prata, dependente do regime de águas do Pantanal, como pelos serviços oferecidos pelas companhias de navegação que operavam no rio Paraguai. O Loyd Brasileiro era o campeão das queixas dos comerciantes do porto de Corumbá, na fronteira de Mato Grosso, pela demora e irregularidade de suas viagens e pela carência de infraestrutura de armazenagem, e não raro, a mercadoria apodrecia antes de chegar ao seu destino, ainda mais em se tratando do charque²⁸. Em entrevista dada à imprensa em 1925, o Dr. José de Barros Maciel, pecuarista e proprietário de charqueada no Pantanal, região da Nhecolândia, reclamava da ausência dos poderes públicos em favor dos produtores do estado e testemunhava que muito lhe custava exportar seus produtos pela via fluvial, tendo em vista que o Loyd demorava até

²⁷ Offício do Gabinete ...1902. *Op. Cit.*

²⁸ Ver CORRÊA, Lucia Salsa. *Op. Cit.*, p. 138 et passim.

seis meses para fazer a mesma viagem que uma companhia argentina completava em 12 dias²⁹.

Ainda assim, o transporte fluvial foi o preferido dos comerciantes do porto de Corumbá até a década de 1920/1930. Quanto à ferrovia, havia uma queixa dos fazendeiros em relação ao número irrisório de vagões aptos a transportar o gado em pé e a própria Noroeste do Brasil admitia que a sua receita com o transporte de gado e de charque era insignificante.

O estabelecimento de atividades combinando criação de gado e produção de charque, impulsionadas por um conjunto de variáveis permitindo a sua produção a baixo custo, bem como uma considerável demanda do charque de Mato Grosso, possibilitaram um retorno dos investimentos básicos (também baixos) e, por isso, passou a atrair a atenção de criadores regionais diante dos resultados reveladores de crescimento na pauta de exportações. Assim, desenvolveu-se em Mato Grosso na etapa mais rentável da produção do charque, que, segundo os produtores do Pantanal, teve a sua melhor fase nos anos de 1908 a 1928 sofrendo um acentuado decréscimo nos anos e décadas subsequentes³⁰.

Fez parte desse conjunto de condições, que beneficiaram a produção de charque para exportação, a taxação de impostos mais baratos para o charque brasileiro ao mesmo tempo em que foi estabelecida uma taxa protecionista para o produto uruguaio, ou de qualquer outra procedência platina. De forma contraditória, essa política fiscal protecionista incentivou os *descaminhos* na via fluvial da bacia do Prata, operando-se um complexo *comércio de guias* de exportação no porto de Montevidéu, através do qual o charque brasileiro mudava de origem entrando no Brasil como charque platino (uruguaio), enquanto o mato-grossense era escoado pelo Uruguai, em especial para o mercado cubano³¹.

²⁹ Revista *Actualidade*, Rio de Janeiro, n. 171, 30 de novembro de 1925.

³⁰ Ver OLIVEIRA, Gastão de. O Zebu no Pantanal. Artigo especial para o *Boletim da Nhecolândia*, Anno I, n.3, novembro de 1934., p. 3. O *Boletim da Nhecolândia* refletiu os interesses e o pensamento dos pecuaristas pantaneiros.

³¹ No ano de 1928, Getúlio Vargas, então presidente do estado do Rio Grande do Sul, acusava o problema desse comércio de guias, com grande prejuízo do fisco e da produção nacional do charque, reportando-se a um relatório apresentado no 2º Congresso Nacional de Criadores, cujas resumidas conclusões foram as seguintes: “... 1º- que o xarque produzido no Estado de Matto Grosso é realmente destinado á praça do Rio Grande do Sul, mesmo quando facturado em xarqueadas distantes

Desse modo, o charque aparecia de maneira significativa nas planilhas de arrecadações do estado de Mato Grosso sobre suas exportações, porém, caracterizando-se como uma economia de curta duração, refletindo os limites técnicos e as contradições do seu sistema de produção e de sua fragilidade no contexto da economia pecuária mato-grossense.

Valor oficial dos produtos de Mato Grosso exportados para o estrangeiro e outros Estados brasileiros

Produtos	1916	1917	1918	1919	1920
Gado bovino	4.082:720\$	6.668:900\$	7.514:880\$	15.372:372\$	—
Charque	3.755:310\$	4.955:706\$	4.927:388\$	3.580:617\$	539:390\$
Penas de garça	11:521\$	10:918\$	11:724\$	66:836\$	9:012\$

Fonte: MARQUES, A. Op. cit. p. 169-171.

Após as décadas de 1920/1930, a produção do charque viveu um lento e gradual processo de declínio, num período de retração dos mercados internacionais consumidores (pós- primeira grande guerra européia), configurando-se como mais uma atividade que, de forma momentânea, teve sua presença marcada no contexto da economia da fronteira mato-grossense dependendo de um conjunto de fatores circunstanciais e determinados historicamente. Essa queda da produção saladeril coincidiu com a desarticulação econômica dos grupos estrangeiros no sul de Mato Grosso, que produziram e exportaram charque em grande escala e que depois foram substituídos por criadores regionais que assumiram a produção regional, sem usufruir as mesmas condições que haviam sustentado uma ra-

de via-ferrea e proximos de via fluvial, é sempre despachado pela estrada de ferro Noroeste; 2° - que o xarque exportado por via fluvial é contrabandeado na praça de Montevidéo, mediante o trafico de guias; ou seguem do Brasil simplesmente as guias desacompanhadas do xarque, para serem preenchidas com a mercadoria platina, ou vae com ellas o xarque de refugio matto-grossense, vulgarmente denominado de patos e em Montevidéo se realiza a troca, pois, dali é o xarque gordo platino remetido para a praça do Rio Grande do Sul, acompanhando as guias de procedencia brasileira, e o charque magro do Brasil é expedido para Cuba, como de procedencia uruguaia. / E isso que ocorre em Matto Grosso, verifica-se igualmente quanto ao Rio Grande do Sul". *Mensagem enviada á Assembléa dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo Presidente Getúlio Vargas, na 4ª sessão ordinaria da 10ª Legislatura (1928)*. p. 11. Mensagens Presidenciais, Biblioteca do APESP, São Paulo-SP.

zoável e temporária demanda desse tipo de mercadoria. É importante lembrar que a produção do charque mato-grossense continuou a ser processada através de técnica primitiva, numa época em que os primeiros frigoríficos já estavam implantados e em pleno funcionamento no Brasil³².

A charqueada na fronteira sul de Mato Grosso esteve, portanto, condenada a permanecer na condição de atividade periférica e complementar, determinada pela situação peculiar da região. Ainda assim, os estabelecimentos de charque de Mato Grosso só se mantiveram viáveis enquanto parte considerável de seus custos de produção (terra, gado, mão-de-obra, fretes e impostos) permaneceu muito barata e, por isso, compensadora, o que possibilitou aos seus produtores usufruir os nichos dos mercados nacionais de consumo (como os estados do Amazonas, Pará, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro) e a comercialização de seu produto no varejo a preços atraentes.

Nesses termos, a economia saladeril mato-grossense, restrita a uma situação muito particular, deixou de merecer, a partir de então, a atenção de aplicadores de grande porte que pudessem impulsionar essa economia com capitais e investimentos em tecnologia moderna (segundo os padrões da época), em melhor infraestrutura de transportes, em fretes e no melhor aproveitamento de suas matérias-primas e de recursos naturais. Esses investimentos, inicialmente de grupos estrangeiros, migraram para os frigoríficos. Assim, a charqueada permaneceu em situação ainda mais precária, interessando aos pecuaristas do pantanal e aos pequenos produtores como um de seus únicos recursos de sobrevivência diante dos limites de escoamento de gado em pé, sobretudo dos campos pantaneiros, da instabilidade do mercado do boi e das conjunturas de preços desfavoráveis aos criadores. Conforme um artigo publicado na imprensa, em 1936³³, os saladeiros mato-grossenses abatiam vacas velhas e turunos³⁴, enfrentando nessa época grandes reveses após a implantação da “lei de nacionalização do charque” e a

³² Ver NASCIMENTO, Luiz Miguel. *As Charqueadas em Mato Grosso*. Subsídio para um estudo de história econômica. Assis, 1992. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Assis, 1992, 195 p.

³³ Artigo da *Revista Ouro Verde*, S. Paulo e Mato Grosso, n. 23, agosto de 1936, p. 85.

³⁴ O termo *turuno* significa touro velho castrado. Ver CORRÊA, Lucelino Rondon. *Glossário Pantaneiro*. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2001.

proibição de sua exportação via fluvial-marítima, que era a melhor opção de escoamento dos produtores e comerciantes do Mato Grosso meridional.

Em artigo publicado no *Boletim da Nhecolândia*, Lucilio Medeiros fez uma previsão otimista para a produção de charque dos anos de 1934/1935, mas revelava também a acentuada queda de preços dos anos anteriores. O artigo mencionava o uso de sal nacional pelos charqueadores pantaneiros, inferior ao de Cadiz, porém muito mais barato e refere-se à pesada carga de tributos estaduais a que estavam sujeitos, queixando-se indiretamente da falta de apoio do estado³⁵.

Por todas essas razões, uma análise mais atenta da indústria do charque, enquanto alternativa concreta de aproveitamento de recursos materiais e ambientais disponíveis na região mato-grossense, em especial nos pantaneiros, permite uma aproximação do modelo explicativo da *economia mercantil de abastecimento*, conforme a análise do historiador José Jobson de Andrade Arruda³⁶. Uma economia de produção e de abastecimento interno funcionou efetivamente em algumas regiões do Brasil no seu período colonial, quando formalmente existiu o controle rígido da produção monocultural e da comercialização de produtos e matérias-primas pela metrópole (Portugal), o chamado exclusivo colonial. Essa economia formou inclusive uma teia de relações inter-regionais responsável pela sobrevivência de algumas áreas coloniais mais pobres, bem como permitiu a sobrevivência de processos primitivos e artesanais de produção. E, é importante ressaltar que esse circuito mercantil interno integrou redes de contrabando, como forma eficaz de atenuar a tirania tributária da coroa lusa sobre a circulação de mercadorias em sua colônia, em especial nas suas áreas mais pobres e periféricas.

No caso específico da economia do charque de Mato Grosso, independentemente de ter ocorrido em época distinta do período colonial, entende-se que uma situação semelhante foi a forma singular da região de integrar-se ao mercado regional na sua condição de complementaridade, evidenciando o dilema econômico da fronteira sul mato-grossense também como área pobre e *periférica*, produzindo e

³⁵ MEDEIROS, Lucilio. Previsões saladeiras para 1934-35. *Boletim da Nhecolândia*, citado, Anno I, n. 1, Corumbá, 25 de agosto de 1934, p. 4

³⁶ Ver ARRUDA, José Jobson de Andrade. O elo perdido: a economia brasileira entre 1780-1830. *Resumos do I Congresso Brasileiro de História Econômica*. S. Paulo, USP-IEB-UNICAMP, 7-10 de setembro de 1993, p.149-150.

comercializando carne salgada e seca com técnicas primitivas e de baixa qualidade. Dessa forma, o boi criado nos extensos latifúndios mato-grossenses dependeu e foi direcionado exclusivamente, em momentos de desequilíbrio (de preços e de mercados nacionais ou internacionais), à demanda das charqueadas, que por sua vez sujeitavam-se aos seus tradicionais limites. Mas foi o meio viável para salvar os pecuaristas em momentos de aguda falta de mercados e, também, possibilitar a dinâmica de um mercado interno de abastecimento de carnes secas e salgadas que nessas situações garantiam ao menos a sobrevivência dos fazendeiros e da população que deles dependia, nas fazendas e nas cidades mato-grossenses.

Indústria da pecuária (1918-1919)

Municípios	Cabeças de gado bovino
Aquidauana	130.000
Bela Vista	200.000
Campo Grande	300.000
Corumbá	300.000
Miranda	240.000
Nioaque	100.200
Ponta Porã	84.350
Porto Murtinho	65.000
Demais municípios	1.142.590
Total do Estado	2.717.550

Fonte: CORRÊA, D. Francisco de Aquino. *Mensagem dirigida á Assmbléa Legislativa do Estado ao installar-se a 2ª sessão da 11ª Legislatura em 7 de Setembro de 1919. Cuyabá: Typ. Official, 1919, p. 110.*

Anos mais tarde, o jornal *O Progressista*, em um artigo de divulgação do município de Corumbá evidenciava os limites dessa economia:

...a principal industria corumbaense liga-se à pecuária: é a saladeril. Três são as xarqueadas existentes no Município: “Otilia”, de propriedade dos srs. Irmãos Barros & Cia. Ltda., sobre a margem direita do rio Paraguai, a 6 horas de viagem de Corumbá ou de Porto Esperança e a 2 kms do Porto da Manga: “Barrinhos”, dos srs. Paulino Gomes & Cia. Ltda., servida pelo Porto do Rabicho; Finalmente “Corumbá”, explorada pela firma Barros & Cia. Ltda.

Da importância dessas firmas falam bem alto os dados seguintes, extraído das duas últimas safras; referem-se ao número de rezes abatidas a cada ano e a quantidade, em quilos, de produtos exportados.

Ano	Firma	Rezes	Ks. Xarque	Ks.Couro	Ks Sebo
1939	Xarqueada Otilia	12.895	997.914	277.743	288.427
	Xarqueada Barrinhos	5.510	443.376	119.120	112.216
1940	Xarqueada Otilia	9.840	786.037	209.573	191.169
	Xarqueada Barrinhos	8.628	638.577	195.040	161.761

Os srs. Barros & Cia. Ltda são dos concessionários do Matadouro Público de Corumbá.

Eis o número de animais abatidos nos últimos 7 anos, para o consumo da população de Corumbá e Ladário:

- 1934 - 4.405
- 1935 - 5.421
- 1936 - 5.523
- 1937 - 5.119
- 1938 - 5.514
- 1939 - 5.529
- 1940 - 7.264

Por simples curiosidade façamos uns cálculos, suponhamos que cada animal abatido pelo Matadouro tinha 120 ks. de carne e que a população de Corumbá e Ladário seja de 12.000 hbs. Então, si nossas contas não estiverem erradas, chegaremos à conclusão que em 1940 cada pessoa em Corumbá, recebeu 200 gramas de carne, aproximadamente, por dia³⁷.

Um olhar mais aguçado também possibilita observar que os preços do boi negociado para abastecer as charqueadas e as demandas externas de carne (inter-regionais e/ou platinas), atingindo patamares relativamente altos até 1919,

³⁷ “Corumbá, em pequenos mosaicos”, in: *Jornal O progressista*, Campo Grande, Mato Grosso, 21 de setembro de 1941. Arquivo da Fundação Barbosa Rodrigues, Campo Grande, MS. Vale a pena lembrar que nesses anos foram efetivados os trabalhos da Comissão Mista Brasil-Bolívia, encarregada da construção de uma estrada de ferro internacional e que seus numerosos trabalhadores representaram um excepcional mercado consumidor.

foram capazes de gerar um equilíbrio nas finanças estaduais decorrentes das arrecadações fiscais, ressentidas com a instabilidade e/ou decadência de outras atividades econômicas de Mato Grosso, como a borracha e a erva-mate. Nos começos da década de 20, Marques estimava em 5 a 6 milhões de cabeças o rebanho bovino mato-grossense, justificando esse número tão genérico como consequência da ausência de estatísticas das agências arrecadadoras estaduais³⁸. Esta cifra contrasta com o censo oficial de 1920, que indicava o número de 2.831.667 cabeças de gado bovino no estado, revelando um desencontro de informações. Porém, independente da exatidão e da realidade dos números apresentados, Marques estabeleceu uma relação direta entre crescimento, valorização da pecuária e aumento populacional de alguns centros urbanos do sul do estado, como um indicador de progresso econômico ao qual a ferrovia deu impulso eficaz. Mas, de fato, a pecuária mato-grossense, apesar de mostrar uma tendência de crescimento, evidenciou-se pelas crises, flutuações de preços e instabilidade na pauta de exportações, sofrendo todos os reflexos das demandas irregulares de seus mercados consumidores. A produção de charque em escala industrial, como não poderia deixar de ser, seguiu o mesmo caminho e a tradição mato-grossense manteve a pequena produção artesanal por muito tempo, mas sem perspectivas de retomar a sua fase mais produtiva e rentável dos anos de 1880-1930.

Outras mensagens dos anos de 1927 e 1928 registraram a mesma visão otimista de crescimento da comercialização de carne bovina sob a forma de charque, desconsiderando que o desenvolvimento da pecuária como um todo permaneceu fundado na economia extensiva e *periférica* da fronteira. Mas, bastava verificar as oscilações de preços nas estatísticas oficiais para detectar a visão distorcida do estado (uma opção política dos seus governantes) e distante da realidade econômica regional.

³⁸ Cf. MARQUES, A. *Op. cit.* p. 155.

Estatística de Exportação - Decenio de 1916-1925

CHARQUE

Annos	Quantidade	Valor Oficial
1916	3.755.310	2.268:037\$500
1917	4.025.811	4.863:373\$200
1918	4.144.736	4.973:683\$200
1919	2.989.848	3.580:617\$600
1920	2.545.662	3.042:794\$400
1921	2.175.126	2.610:151\$200
1922	4.775.320	5.729:384\$000
1923	5.969.067	6.220:692\$500
1924	7.297.427	7.715:557\$000
1925	7.366.399	11.522:201\$000

Fonte: In: Secção do Patrimonio e Estatística em Cuiabá, 2 de Maio de 1927. In: CORRÊA, Mario [Presidente do Estado de Matto-Grosso]. *Mensagem à Assembléa Legislativa, lida na abertura da sua 1ª sessão ordinaria da 14ªLegislatura*. Cuiabá: 13 de Maio de 1927. Anexos [s/p].

Estatística de Exportação - Decenio de 1916-1925

GADO EM PÉ

Annos	Quantidade	Valor Oficial
1916	51.034	4.082:720\$000
1917	66.689	6.668:900\$000
1918	62.545	7.505:400\$000
1919	128.091	15.370:920\$000
1920	88.152	10.578:240\$000
1921	67.752	6.775:200\$000
1922	82.122	5.746:440\$000
1923	110.134	8.810:720\$000
1924	106.222	8.497:760\$000
1925	152.561	12.204:880\$000

Fonte: Secção do Patrimonio e Estatística ... *Op.cit.*

Posteriormente, a queda mais acentuada na produção e exportação de charque coincidiu também com medidas adotadas pelo governo federal, a partir da década de 1930, no sentido de disciplinar e melhorar as condições de sanidade e higiene

nas charqueadas, regulamentando a produção, o armazenamento e o seu transporte, estabelecendo normas mais rígidas e impondo uma política de impostos para combater os descaminhos, o comércio clandestino e os desvios de guias de comercialização. Entretanto, tais medidas vieram agravar muito mais o quadro precário da economia saladeril e, conseqüentemente, da pecuária mato-grossense nos anos subsequentes.

Na década seguinte de 1940, o dilema permaneceu e a preocupação do governo estadual frisava a gravidade da situação econômica e financeira de Mato Grosso, considerando que a pecuária e seus produtos derivados representavam na prática o único produto regional a sustentar o estado, necessitando recorrer a medidas urgentes e apoio total do governo federal:

...as medidas que consideramos de mais urgente necessidade para o amparo dessa classe, e entre elas, queremos nos referir às “essenciais”. A primeira e mais instante é a que diz respeito á reforma dos empréstimos agro-pecuarios, como medida de caráter urgente e imediato, para libertar o pecuarista da angustiada abertura que atravessa. Lembramos que essa reforma dos empréstimos atinge a todas as operações feitas até este momento na Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil, com a dilatação do prazo por mais cinco anos e amortizáveis a partir do segundo ano, contado da data da reforma, desde que o pecuarista apresente a garantia inicial que serviu de base ao empréstimo. (...) Pleiteamos também a instalação de um matadouro modelo no sul do Estado, como fator indispensável ao melhor aproveitamento do boi, cuja industrialização deve ser feita no próprio local da sua produção e engorda, como recurso para suprir as deficiências do seu transporte vivo até as invernadas paulistas, sabido, como é, que a Noroeste do Brasil não dispõe de material rodante para esse fim³⁹.

Para ilustrar um pouco mais a persistência dos entraves ao desenvolvimento da pecuária e da indústria do charque em Mato Grosso, o Jornal *O Social Democrata*, reproduziu do *Diário do Congresso* de 23 de março de 1947, o requerimento do deputado federal por Mato Grosso, Carlos Vandoni de Barros, justificando “... a impressão de angustia desoladora em que se debate a pecuária matogrossense, sem crédito e sem mercado”:

³⁹ FIGUEIREDO, Arnaldo Estevão de. “Um gigante precisa andar...” Artigo que reproduz discurso do então governador de Mato Grosso, transcrito de O Globo, Rio de Janeiro, pelo Jornal *O Social Democrata* (Órgão do Partido Social Democrático), Ano 1, n. 55, Cuiabá, 23 de março de 1947. Arquivo da Fundação Barbosa Rodrigues, Campo Grande, MS.

No momento, desejo apenas focalizar um ponto de vital importância para Mato Grosso: a falta de mercados.

Como todos sabem, dois são os mercados naturais para a pecuária de Mato Grosso: um o abastecimento das invernadas paulistas; outro, o das xarqueadas locais.

O mercado paulista vem se retraindo, de ano para ano, devido à luta, quê, infelizmente, ainda hoje perdura, entre os invernistas e frigoríficos. Além do mais, nenhum transporte de gado para São Paulo se pode realizar, devido às enchentes que, no momento, se apresentam em proporções assustadoras. Ainda agora, o Diretor do Serviço de Navegação da Bacia do Prata acaba de receber telegrama, informando que está completamente alagado o Pôrto 13 de Novembro, no rio Paraguai, ponto de travessia do gado que se destina a São Paulo.

Restam, por conseguinte, aos pecuaristas matogrossenses, as xarqueadas locais, como mercado. O Ministério da Agricultura, entretanto, reduziu as cotas das mesmas; para a safra de 1947. Essa medida feriu fundo a economia do meu Estado, que tem, na pecuária, sua principal fonte de rendas.

Então dessa forma, Sr Presidente os pecuaristas de Mato Grosso, além de submetidos a um tratamento de arrocho por parte do Banco do Brasil, ameaçados pelas enchentes, com o mercado paulista praticamente fechado e com as cotas das xarqueadas reduzidas.

Mais do que justa, portanto, é necessária a medida que vem sendo pleiteada pelo líder da minha bancada, Sr. Deputado Ponce de Arruda, no sentido de serem aumentadas as cotas das nossas xarqueadas. (...)

Pedimos o revigoramento das cotas de 1946 [(o deputado menciona um telegrama do Centro dos Criadores da Nhecolândia, como documento que deu origem a esta petição]

[O deputado finaliza pedindo urgência]... porque, do contrário, dentro de poucos dias, quando a enchente atingir seu nível mais alto, nenhuma xarqueada poderá trabalhar, na minha terra.⁴⁰

Nesse sentido, a partir das décadas de 1920/1930, a atividade da pecuária mato-grossense voltou-se preferencialmente ao mercado interno e nacional (conforme Mamigonian⁴¹), permanecendo como uma área produtora complementar.

⁴⁰ Jornal *O Social Democrata*, Ano 1, n. 57, Cuiabá, 3 de abril de 1947. Arquivo da Fundação Barbosa Rodrigues, Campo Grande, MS.

⁴¹ Ver MAMIGONIAN, Armen. Inserção de Mato Grosso ao Mercado Nacional e Gênese de Corumbá, in: *GEOSUL*, Florianópolis, UFSC, Ano I, n. 1, p. 39

Enquanto isso, a continuidade e a intensificação evidenciada da evasão de gado em pé através do contrabando pela fronteira paraguaia, seguiu contribuindo, ao lado de todos os demais fatores, para a caracterização do sul mato-grossense como *área da periferia do sistema*, sensível aos reflexos de crises, de demandas externas e de conjunturas do *centro* do sistema.

E, finalmente, a fronteira mato-grossense, caracterizada como *fronteira flutuante*, desenvolveu também uma economia *flutuante*, praticada sob condições históricas e ambientais adversas que delimitaram e retardaram o pleno desenvolvimento capitalista da imensidão de seus sertões. Foi, portanto, como atividade periférica e complementar da economia pecuária que as charqueadas apareceram com certa força no cenário da economia regional, especialmente no sul de Mato Grosso, com investimentos de grupos estrangeiros inicialmente e como atividade complementar das fazendas de criar, sempre sob as condições determinadas e singulares que a fronteira mato-grossense ofereceu. Desta forma, a economia do charque, nesse caso atrelada à natureza da pecuária de Mato Grosso, apenas se viabilizou como uma economia típica de fronteira e como uma forma específica de incorporação do sul de Mato Grosso aos mercados platinos, primeiro, e nacional depois, regida pelas determinações históricas do desenvolvimento do capital.